

AD PERPETUAM REI MEMORIAM



*Aquele que partiu
Precedendo os próprios passos como um jovem morto
Deixou-nos a esperança.*

*Ele não ficou para conosco
Destruir com amargas mãos seu próprio rosto
Intacta é a sua ausência
Como a estátua dum deus
Poupada pelos invasores numa cidade em ruínas*

*Ele não ficou para assistir
À morte da verdade e à vitória do tempo*

*Que ao longe na mais longínqua praia
Onde só aja espuma sal e vento
Ele se perca tendo-se cumprido
Segundo a lei do seu próprio pensamento.*



Dos teus Companheiros



Para tornar viva a memória do Carlos Quinta e Costa

Já tive ocasião de escrever um email aos companheiros de Barcelos sobre a acção e personalidade do Carlos.

Este escrito destina-se à nossa Revista e para quem nos dê a honra de a ler. É a primeira vez que celebramos o nosso aniversário sem podermos contar com a presença do nosso inesquecível companheiro.

A doença traiçoeira tirou-o do nosso convívio físico, mas ele estará sempre presente em todas as nossas acções, porque a herança que nos deixou de companheirismo, amor à nossa causa e os seus ensinamentos, jamais poderão ser esquecidos.

O Carlos Quinta e Costa foi um dos fundadores do nosso Clube. Mas, rapidamente ultrapassou as fronteiras barcelenses com o seu espírito dinâmico, o seu amor ao próximo, a sua facilidade de relacionamento, a sua criação de amizades. Todas estas qualidades o transformaram num verdadeiro líder nacional e até além fronteira.

Passou por todos os cargos dentro do nosso Movimento desde presidente do clube até Presidente do C.N.G; passando pelos cargos de presidente de divisão, região e Governador. Acompanhei-o várias vezes na sua deslocação aos clubes do C.N. e via a simpatia e admiração com que era recebido. Vivemos juntos momentos inesquecíveis desde a sua eleição nos Açores até às nossas primeiras Convenções (Nacional, Centro Norte e Centro Sul). Deu-me ele a honra da assessoria destas Convenções que elevaram bem alto o nome de Barcelos.

Hoje é dia do nosso aniversário, mas é principalmente o dia destinado a prestar ao Carlos a nossa homenagem, simbolizada num descerramento do seu retrato na nossa sede e, para lhe endereçar mais uma vez, o nosso muito obrigado.

Do sempre amigo e companheiro.

C/L Francisco Trigueiros

PEDAÇOS DA VIDA.....

No dia do Aniversário do Clube, será descerrada na Sede a fotografia do Companheiro Carlos Quinta e Costa, uma forma simples e carinhosa de preitear a sua memória.

A data e o local são consentâneos à sua personalidade lionística. Sem retirar mérito aos demais, o Companheiro Carlos destacou-se bem cedo no Movimento onde ocupou os cargos de Governador do Distrito 115 Centro Norte e de Presidente do Conselho Nacional de Governadores.

No Clube, completou-se em todas as funções directivas, levando os Companheiros a aderirem com entusiasmo às suas iniciativas, das quais ressalto a aquisição da própria Sede e a realização por duas vezes das Convenções Nacionais.

Procurava ser um bom e sereno timoneiro, dominando com muito tacto e tolerância as crispações que, de quando em vez, surgiam em debate de idéias ou de decisões. Na discussão acesa de pontos de vista opostos, serenava os ânimos e muito à sua maneira diplomática conseguia dar vencimento ao ponto de vista de sua opção.

Era assim o seu jeito, mas sempre com o sentido prático de construir a serenidade e a boa harmonia entre todos os Companheiros/as. A sua preocupação de ver o Clube cada vez mais forte e coeso, através da amizade e do companheirismo, era bem patente na forma de estar e agir entre nós. Colocava à disposição a sua Quinta de Roriz (que, por graça, chamávamos de nossa Quinta) para o Clube realizar a festa da transmissão de poderes e das Companheiras e, dessa forma, proporcionar o ambiente tão necessário para fortalecer cada vez mais esses valores basilares do Movimento.

Mal sabíamos, apesar de minado da doença que o haveria levar, de que a festa realizada em Julho passado seria a última a que iria estar presente. Chegamos a sugerir a mudança de local, dado o seu estado de saúde e por ter chegado ao nosso conhecimento de que dali a dias iria ser internado para novo tratamento.

Mas ele próprio contesta a nossa sugestão, dizendo que a festa seria realizada em Roriz mesmo que, por tal circunstância, estivesse ausente. Esteve presente, partilhou do encontro com alegria, todavia bem lá no fundo do seu interior deveria sentir-se triste e amargurado, por talvez pressentir que estaria para breve a sua partida, o que infelizmente veio acontecer um mês depois.

Presto a homenagem ao Amigo e Lion que defrontou sempre com serenidade e humildade as vitórias e derrotas da Vida.

Foi um lutador nato que só a Morte o venceu.

O Amigo e Companheiro

C/L David Senra

Recordando ...

Fazemos parte do grupo de amigos e conhecidos que em mil novecentos e setenta e nove fundou o Lions Clube de Barcelos.

Só então o conheci pessoalmente, apesar de, ele e o meu marido serem amigos de infância.

Nascemos no mesmo ano, apenas com um mês de diferença e, daí, o brincarmos ao afirmarmos ser o ano de “36” o de melhor colheita.

Quando o Carlos foi Governador do Distrito 115 C.N. e, aquando das muitas visitas, que fez aos clubes do Distrito, muitas vezes o acompanhámos.

Recordo-me duma visita a Viseu para festejarmos o aniversário do Lions Clube dessa cidade.

Um grupo de companheiros de Barcelos fomos com o casal Quinta e Costa.

Jantámos, dormimos e, no Domingo de manhã antes de irmos almoçar ao “Cortiço” demos um passeio pela bela cidade de Viseu.

Em amena cavaqueira deambulámos pelas ruas e, de repente, apercebemo-nos de que o Quinta e Costa não estava connosco; “perdêramo-lo”.

Onde estaria? Onde se metera? Onde fora?

Estávamos perdidos neste mundo de interrogações quando vimos o Carlos sair duma loja com um ramo de rosas. O que se passara? Sem que disso déssemos conta o nosso companheiro entrara numa “Florista” e veio com um sorriso aberto e brincalhão oferecer uma rosa a cada companheira.

Era assim o Carlos – gentil, amigo e cavalheiro. Temos saudades dele. Para onde quer que ele esteja mando-lhe um enorme abraço Lionístico com muita Amizade.

C/L Manuela Trigueiros



O LIONISMO FICOU MAIS POBRE

Com a morte do nosso companheiro Carlos Quinta e Costa ocorrida em 21 de Agosto último, todo o Lionismo ficou mais pobre!

Foi um dos sócios fundadores do Lions Clube de Barcelos e, durante toda a sua vida, desempenhou nele os mais altos cargos e desenvolveu uma intensa e altíssima actividade.

Desde Presidente do CNG, Governador do Distrito Centro Norte, Presidente da Região, Presidente da Divisão, Membro da Direcção da Revista Lion "Barcellano" e seu assíduo colaborador, componente de várias Assessorias, Padrinho da Fundação de Clubes, Organizador e Director de Convenções, Presidente do Comité Conselheiro, tudo isso ele desempenhou com alto mérito associado aos seus pareceres e opiniões acatadas e respeitadas.

Não só a nível do seu Clube, onde era acarinhado e respeitado, também a nível nacional e internacional era bem conhecido e de todos querido.

Com o título de Companheiro Melvin Jones que lhe foi atribuído, sempre aceitou desempenhar as mais modestas funções desde que fossem de interesse para o Clube e para o Movimento Lionístico.

Não obstante doente desde há tempos, manteve-se sempre activo comparecendo às reuniões, participando activamente nelas com as suas intervenções, conselhos e opiniões.

Foi um dos membros mais activos e entusiastas do Lionismo.

Faleceu em plena actividade do Movimento a que aderiu, abraçou, movimentou e desenvolveu.

Pela minha parte, para além das actividades do Clube, tive o privilégio de com ele trabalhar como seu Secretário no ano em que foi Governador do Distrito Centro Norte.

E, mais uma vez, tive a oportunidade de apreciar o seu esforço, a sua dedicação, a sua actividade e o seu amor ao Movimento.

Com a sua morte, haverá, efectivamente, uma baixa no Lionismo dada a falta da sua pessoa, da sua acção, do seu entusiasmo.

Todos nós Lions ficamos mais pobres, mais orfanizados com a perda da sua figura tutelar.

Mas, mais fortes também, enriquecidos com o seu exemplo, com o seu trabalho, com a sua actividade, com a sua dedicação e liderança.

E essa Herança que nos deixou e o exemplo que nos legou não têm preço.



Fica, para todos nós, Lions, o exemplo dum Homem bom, generoso, activo, empreendedor em prol do serviço prestado à sociedade através do Lionismo.

Obrigado, Carlos Quinta e Costa, pelo magnifico trabalho que nos prestou e pelo exemplo magnifico que nos deixou.

C/L Vale Miranda

RECORDAR...

Um dia o Carlos Quinta e Costa chegou ao Clube e disse-me: “Prepare-se par ser a próxima Governadora”.

Sorri, contestei e gracejei com a insinuação. Mas passados poucos minutos senti que começara a preparação para mais uma caminhada.

Já conhecia o Quinta e Costa há longos anos e sabia bem o significado daquela afirmação! Ele não iria desistir. Sempre foi um Homem de desafios e sabia bem que aquele seria o seu próximo desafio porque ele sempre pensava no seu Clube e nas pessoas que o pudessem Servir.

E mais uma vez, venceu o desafio! Dois anos após a famosa frase, fui eleita.

Na véspera da viagem para a tomada de posse, na Tailândia, lá estava o casal Quinta e Costa, num Domingo, em minha casa, a ajudar-me nos últimos preparativos, a dar-me os primeiros conselhos ...

Foi nesse dia que a Maria das Dores terminou o cartaz que levei para representar o D115 CN, uma tarefa exigida a todos os Governadores. O meu Pin e Galhardete, objectos que me acompanhariam, foram concebidos pela Maria das Dores e Alberto Martins, os irmãos criativos do nosso Clube. O Quinta e Costa não poupou críticas, elogios e sugestões até ao trabalho final. Com o seu ar sorridente e maroto, mas teimoso, tentava sempre que a última palavra lhe pertencesse. E quase sempre o foi conseguindo.

Cheguei da tomada de posse e enquanto Governadora, senti em cada dia, a sorte que tinha em pertencer ao Clube de Barcelos... todos me ajudaram e apoiaram! O casal Quinta e Costa, apoiou e aconselhou, em cada dia, mesmo nos momentos em que o Hospital era a sua casa adoptada.

Hoje, sinto um misto de alegria pela missão cumprida e de tristeza por não ter tido tempo de partilhar as vivências passadas com o responsável pela decisão de ter assumido tão honroso cargo. Este casal que me acompanhou em tudo, não assistiu ao momento mais alto do meu entusiasmo, o momento em que agradeci ao meu Clube a confiança que depositou em mim e o apoio extraordinário que me deu.

O Quinta e Costa já não estava lá... estava debilitado...

Passado um mês, veio a notícia que ninguém queria ouvir...

Perdemos um Amigo e um Lion, mas recusamo-nos a perder a memória que o manterá junto de nós.

E serão os objectos que perduram, os percursos marcados, as obras conseguidas e a sua família junto de nós que nos farão recordar sempre o Amigo e o Lion que partiu, mas que para nós ficou...



Cartaz concorrente do D115 CN 2008-09

PDGI Lucinda Fonseca



O Passado e o Presente

ou

O Fácil e o Difícil!

Falar do Carlos Quinta e Costa do “passado” é “fácil”. Fácil porque convivi com o Carlos anos a fio, no dia a dia, ele a caminho do seu trabalho, na mesma rua onde ainda hoje eu labuto. Depois, circunstâncias da vida impediram que continuássemos a cruzar-nos. Afastamento físico de curta duração, já que, algum tempo decorrido, voltámos a encontrar-nos, assiduamente, como dirigentes do Oquei Clube de Barcelos. Muito depois, com outros amigos, repartimos amizade no 6º Clube. Aí conheci-lhe a faceta de brincalhão, o que ajudou a cimentar grande amizade. A gente sentia-se bem na sua companhia...

A vida corria célere e, na sua imparável andança, levou-nos, num conjunto de dezanove amigos, à constituição do Lions Clube de Barcelos.

Chegados aqui, o Carlos deu-nos conta da sua capacidade de liderança. Quis ir longe, apostou e venceu: o seu entusiasmo, a sua dedicação e força de vontade impuseram-se de tal forma que conseguiu atingir todos os objectivos. Como se diz no desporto, ganhou tudo, quer a nível do clube que integrava (o nosso!), quer a nível distrital, quer a nível nacional e mesmo internacional: o Carlos foi, juntamente com a Maria das Dores, companheiro Melvin Jones, cumprindo 100% os objectivos do Lionismo.

Quantas vezes nos dizia ser para ele grande felicidade ver os seus amigos felizes na quinta de Roriz, onde nos acolhia como familiares próximos e muito queridos! Nunca voltou a cara a um necessitado para quem era de uma generosidade extrema...

Pois, até aqui foi “fácil” falar do Carlos Quinta e Costa.

Agora vem o Presente... o “Difícil”.

Sinto-me, neste momento, voltado para dentro de mim próprio, isolado, na busca de palavras que lhe quero dedicar. Concentro-me numa espécie de homenagem, em atitude reflexiva que não quero longa, que não vai poder ser longa, porque se me tolda o espírito e se me embaciam os olhos, mesmo quando quero ver o que se encontra neste interior onde me refugio.

Durante a sua doença, grave e angustiante, travámos diálogos ao telefone com uma periodicidade mais estreita do que uma semana. Encorajava-o, incitava-o para ir à luta, procurava apontar-lhe uma outra forma de vencer. Ele compreendia e demonstrava-o quando me procurava para me dar um abraço logo após cada saída do hospital. Marcava-me muito esta manifestação de amizade e reconhecimento.

Visitei-o várias vezes nos locais onde procurava saúde e bem-estar: no hospital e em casa. Aqui, orgulhosamente, mostrava-nos, a mim e à Isolete, as imensas condecorações, os troféus, os diplomas que celebravam as suas conquistas no meio lionístico. Como se sentia bem o espelhar do seu entusiasmo pelo movimento que ambos ajudámos a fundar!

Um dia, de manhã, o telefone foi canal de notícia infausta: o Carlos morreu! Um arrepio tomou-me o corpo e o espírito abalados pela crueza da mensagem. Era real, muito embora ainda tivesse nos ouvidos a sua voz da conversa que tivéramos no dia anterior.

No presente é *difícil* lembrar o Carlos. A saudade perturba a memória. Mais ainda ao desfolhar o livrinho do Lions Clube de Barcelos que divulga os objectivos do Clube (para mim é o catecismo do serviço) e ver lá mais um nome de um Companheiro Fundador que partiu para sempre.

É, sim, ocasião de lembrar o nome de outros fundadores, amigos que passaram: Aníbal Rodrigues Araújo, Carlos Alberto Oliveira da Cunha, José António Beleza Ferraz Torres e Raul Carlos Veloso; e o de outros que deram o seu contributo inestimável para o engrandecimento e prestígio do seu Clube e para a concretização das causas que defendeu e defende.

Neste virar de página, Carlos, sinto que estarás sempre connosco, até ao reencontro noutra Reino, fazendo parte de um Clube Eterno a que o Divino preside!

Até lá, descansa em paz.

C/L Jorge de Costa Oliveira e Sá

- Carlos -

C - Companheiro

A - Amigo

R - Resistente

L - Lion

O - Obreiro

S - Sincero

São poucas as palavras mas todas elas levam a saudade e a gratidão por ter tido um companheiro assim.

Até sempre Amigo

C/L Maria Isolete



CARLOS QUINTA E COSTA

Certo, certo, conheci-o como primeiro Governador do recém-criado Distrito 115 CN, no ano lionístico de 1989/90.

Desde então, habituei-me a ver nele o “leader” de excepção que sabia, como poucos, levar a água ao seu moinho da acção lionística, sem atropelos, sem sobrançerias.

Em 1999/00 presidiu, e bem, ao Conselho Nacional dos Governadores que integrava a Companheira Teresa Gama Brandão, do Centro/Norte, e o Companheiro Joaquim Borralho, do Centro/Sul.

Com enorme facilidade, Carlos Quinta e Costa sabia estabelecer relações de amizade com todos os seus Companheiros, relações essas que ele alimentava com um trato simultaneamente simples mas humanamente muito rico.

O seu sorriso começava nos olhos que se empregueavam para que o seu rosto se abrisse de alegria. O seu aperto de mão era forte e a mão que assim se estendia levava-nos ao aconchego de um abraço que antecipava a sua expressão habitual: “Então menino, como vais?”

O Companheiro Carlos foi sempre assim: simples no trato, rigoroso nas tarefas que assumia.

Com saúde, sabia contar como poucos as suas aventuras de caçador inveterado. E os fins de semana no monte, onde procurava desanuviar-se das suas responsabilizantes tarefas de brilhante empresário, eram o seu refúgio de eleição.

Na doença, recorria às suas reservas de bom humor para que os seus Companheiros se sentissem mais à vontade.

Em 2002, quando eu fui submetido a duas operações complicadas na Clínica de Pamplona, o Carlos foi o amigo cuidadoso e preocupado. Por essa altura, ele também, como eu, foi objecto de uma prosectomia. Tal facto ainda mais nos aproximou.

Lembro, com saudade, uma deslocação que eu e a Claudette fizemos a Barcelos para levar um conjunto de ilustrações que eu desenhara para um livro da poetisa Maria das Dores, sua esposa extremosa. Nunca mais esquecerei a forma como fomos recebidos pelo casal Quinta e Costa.

Depois foi 2007. À Claudette foi-lhe diagnosticado um cancro no intestino, que a levou a uma ida para a Clínica de Navarra. E ao Carlos outro diagnóstico, não menos grave, forçou-o a internamentos prolongados em situação de isolamento. Ora uma ora outro e lá estavam agarrados ao telefone a trocar impressões quanto à evolução das suas maleitas. Palavras de conforto e de esperança em melhores dias eram trocadas quase diariamente.

Sentia que entre eles havia um pacto de entreaajuda que eles alimentavam como cabo de salvação.

E foi sempre assim até que Carlos nos disse adeus. Quando a notícia nos chegou, logo a Claudette, na sua gritante debilidade, me disse que queria ir ao funeral. E foi. Estoicamente, sem que um sinal de dor física lhe viesse à face, aguentou toda a cerimónia fúnebre.

No dia 28 de Agosto, já quase noite, de certeza que se encontraram de novo, lá em cima, a olhar por todos nós. Que Deus os guarde...

DG Gaspar Albino.

05 de Dezembro de 2009

Carlinhos,

Já há muito tempo que não falo contigo. A última vez que o fiz foi pelo telefone. Por certo lembras-te. Foi no mês de Agosto, isto é, já lá vão, portanto, mais ou menos três meses e, acredita, tenho saudades de o fazer e faz-me falta trocarmos impressões.

Vários são os temas que temos para conversar. Quero ouvir-te sobre vários aspectos que é necessário acompanhar e para o qual é importante recorrer ao teu bom senso, à tua experiência, ao teu saber e até ... ao teu silêncio, enquanto pensas na melhor solução para fundamentar a opinião que me darás.

E olha, Carlos, que não são fáceis os casos que temos para analisar, que todos temos para ponderar. São os clubes a desintegrarem-se e a desaparecem, são os sócios a diminuírem, são aquelas guerrinhas estereis e perfeitamente desnecessárias (continuamos a ser masoquistas), mas que vão minando aqueles ideais em que desde há muito, desde que entrámos para o Lions, acreditámos, o que torna a solução difícil.

Por tudo isto são muitos os aspectos que urge melhorar e repor, pelo menos, naquele mínimo que nós, já velhos nisto, temos como exigível. Estou perfeitamente convicto que tu, mesmo longe, com o teu, como atrás já disse, "falar calado" mas que, até por isso, mais se ouve, chamarás as pessoas à realidade, à razão e vais conseguir atingir o objectivo. Da evolução de tudo isto, pôr-te-ei ao corrente.

Mas há outros aspectos, muito importantes, em que tu também fazes falta. São já muitos os anos em que te conheço, muitos os que, inclusivamente, passaram antes de sermos Lions, e que já se contam, direi, desde a nossa infância. Faz-me falta recordar contigo as brincadeiras de quando éramos miúdos, faz-me falta quando, cada um na sua área, nos ouvíamos um ao outro para, em conjunto, ponderarmos os prós e os contras e chegarmos à melhor solução. Muitas foram as vezes em que o fizemos, mas é certo que apenas o fazem aqueles que são verdadeiros amigos e aqueles a quem os amigos fazem falta.

E digo-te, perfeitamente consciente, Carlos, tu és daqueles que efectivamente fazes falta... fazes muita falta, não apenas a mim... mas a todos nós.

Por isto e porque, como acima digo, tenho saudades tuas, ao fim deste tempo resolvi escrever-te. Será uma forma de continuar a desabafar contigo e, no teu silêncio, ouvir os teus conselhos.

Um abraço, AMIGO

Zé Neiva Santos



Da tua Família

(sem título)

Não era costume ser assim.

Nunca foi assim. Mesmo quando o «tu» criança partia amuado, havia sempre um toque a dizer «cheguei bem». E o mesmo toque se repetia três vezes - «O pai chegou bem».

Não costumava ser assim; este silêncio, este não dizer nada, mesmo sabendo nós que tudo está dito. Esperamos o quê?

Tudo continua suspenso, à espera. As botas, o colete, a mala, a arma de orgulhosa pontaria, o carro, o chapéu de bico que te dava um ar de tirolês, o cão. O cão não pergunta nada mas vai e vem; vem espreitar à rede e espera ainda o assobio e a ordem tão desejada - «salta!». E lá partiam os dois na alegria da liberdade, do convívio, das subidas e descidas no monte, do almoço, as cartas lançadas à mesa, às vezes discutidas outras em risadas.

Fosse como fosse, voltavas. Voltavas sempre. Mesmo quando o hábito, a rotina ou a monotonia toma conta das nossas vidas, há sempre qualquer coisa que nos faz adejar uns em volta dos outros, como borboletas que tentam viver num só dia a vida que lhes é destinada.

Esperamos, o quê? Não há retorno!!

As únicas imagens que voltam sempre são aquelas que o nosso subconsciente se nega a destruir. E o filme passa, e nós olhamos o filme e sabemos o que vem a seguir de tantas vezes que o vemos. É como um baloiço de criança. Vai e vem. Vai e vem. E as imagens vão mexer nas recordações que estavam adormecidas e não queríamos acordar. Lembras-te? Quando... daquela vez... naquele dia... E o dia que começou com sol turvou-se de repente; está escuro e frio. Volta a melancolia, a visão da troca de olhares, um que pergunta sem falar, outro que responde a mentir: – Vai correr tudo bem. Não tarda muito estás bom.

E o sorriso afivelado à entrada doura a mentira como se fosse verdade. Até já parece verdade.

E a mentira de braço dado com a incerteza forma um balão de esperança que rebenta quando menos esperamos. A despedida que não sabíamos que era a última.

- Quando chegares a casa liga.

- Quando me deitar eu ligo-te.

Eu ligo-te...

Eu ligo-te...

E u l i g o - t e

«O número que marcou não pode ser contactado».

Maria das Dores Quinta e Costa

Senti que te entreguei a Deus

Foi um viver intenso,
semanas corridas,
angústias seguidas,
num tempo sem fim
que terminou assim,
num contínuo sem continuidade,
num além que acredito
sem espera de regresso.

Foi uma vida de ausências
Num constante de presenças
Que se sentiam, existiam
Sem se verem nem viverem.

Foi intenso no seu ser,
num dar mais que receber,
não usar, mas ser usado,
na procura de um sentido
talvez nunca encontrado.

Foi fogo que não se apaga
É fogo que ainda arde
Na memória e na alma
Imprimiu sua passagem.

Visitou-me na partida!
O último beijo dado
no meu leito, adormecida,
como sempre fora seu hábito
na tarda chegada a casa.

Percebi tua mensagem,
entreguei-te ao meu Deus.
Vai em Paz, cá ficarei,
à procura do sentido
que tu também procuraste!
Seguirei tuas pegadas...

Maria Martins*

* Nota: Todos os documentos de índole científica que produzo são assinados como Margarida Quinta e Costa, os apelidos paternos, gente de negócios, práticos e executivos. Quando o que escrevo reflecte algo que para mim pode tocar a arte, assino com o segundo nome e apelido terno, linhagem de professores, leitores e pensadores, tocados pela arte e pelo transcendente.

Até Logo Pai!

A Mãe perguntou-me se eu queria escrever alguma coisa sobre o Pai para publicar na revista do Lions - um poema, um texto ou um simples pensamento.

Bom, para um poema teria de ter falado mais cedo. A Mãe pensa que sou como ela, que tropeça numa pedra e escreve um poema... eu tenho de tropeçar em várias pedras, contando com as lesões inerentes, para escrever um poema fraquinho. Não herdei esse dom. Por isso, decidi-me por este texto.

Falar do meu Pai!!

Do meu primeiro e grande Amigo

Tarefa difícil. Se disser bem, alguns dirão: Não admira, é filho. Se disser mal, pensarão: Ingrato.

Assim, parece-me que melhor do que falar dele é falar da sua herança. Daquela que não consta na relação de bens, duma herança de amizade, de convicções, de força, de sofrimento e, acima de tudo, de persistência. Duma persistência que fazia valer a pena aquilo que nos parecia insignificante.

No pouco tempo que estive connosco, não passou despercebido e (nem sempre ao agrado de todos) teve a capacidade de abraçar causas e aceitar desafios, levando-os até ao fim. Surpreendia-me com a sua imensa facilidade de coordenar várias coisas ao mesmo tempo e pela incessante busca de algo que desconhecíamos, numa ansiedade permanente característica da sua dinâmica, do seu querer fazer.

Foi esta a herança que fui recebendo ao longo dos anos que cresci a seu lado e lamento não poder, mais uma vez, pedir-lhe um conselho, uma opinião e ouvir a solução acertada.

Fica a saudade e o orgulho de ser seu filho

Já agora, não vale a pena pensarmos que “descansa em paz”. Pois, quem o conheceu, sabe bem que, onde quer que esteja, ele nunca o fará.

Até logo, Pai!

Zé Carlos

Pai,

Lembro, na minha infância, dos tempos de lazer, das férias de Verão, dos fins-de-semana passados no pinhal a jogar à bola, ao som da música ou dos relatos de futebol, das caminhadas, dos piqueniques e dos passeios de bicicleta até à beira-mar, contagiados pela tua sibilada boa disposição, alegria e dedicação.

Ao longo da nossa vida vivemos muitos e diferentes momentos, e sempre foi bom poder contar contigo como amigo, conselheiro e, acima de tudo, como Pai.

O teu apoio, o teu incentivo, a tua preocupação e o teu amor peculiar, mas incondicional, merecem o meu agradecimento.

Hoje, e porque me afluem todos os nossos bons instantes vividos, procuro, ao lado da Elsa e com os meus filhos, experienciar agradáveis, carinhosos e atentos momentos, pois sei que motivam e conduzem positivamente a vida de pai e filho.

Onde quer que te encontres procura irradiar-me a tua força vital para encaminhar e suavizar os meus passos.

Estou certo de que a tua presença perfumará sempre o meu mundo.

Teu filho Luís

O Nosso Avô

Com carinho te recordamos avô Carlos.

Foi pouco o tempo que conviveste connosco, mas o bastante para saber que eras para nós um avô dedicado e orgulhoso dos teus netos varões.

Mesmo sem te vermos, sentimos que olhas por nós.



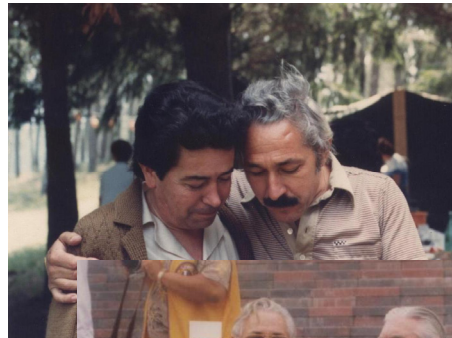
Os netos,

Luís Guilherme e Luís Henrique

FOTOBIOGRAFIA

Guardar para lembrar...

Lembrar para fazer durar...



Durar, permanecer na memória dos vindouros, caminho único de ficar ainda, de ser quando o "SER" se foi...

É a memória do amor que chama as recordações, que recusa a perda, o esquecimento, o nada...



É ela que nos manda guardar para que fiques este ano e muitos anos, preservado desse esquecimento – inscrito na Memória e nas memórias dos que te amaram, dos que te foram amigos e companheiros, dos que te contactaram. Inscrito fundo nas memórias como inscrições na dura pedra dos teus espigueiros de Roriz.

Convocamos alguns momentos da tua vivência familiar, do teu percurso de Lion, do teu caminho de cidadão interveniente e activo, de todas as rotas tecidas de laços, de tempos, de lugares que se cruzaram e descruzaram ao sabor dos Anos e da Vida.



Em 1979 fundou-se o Lions Clube de Barcelos. Nascestes aí para o Lionismo num grupo onde havia amigos, familiares, conhecidos... Depois, 30 anos passados, éramos um grupo coeso de Amigos, de Irmãos.



Hoje na comemoração desses 30 anos estás fisicamente ausente!

Por isso queremos guardar breves instantes de ti para “te obrigar” a ficar...

Porque como escreveu um poeta “se nenhum sentimento pode ser perdido / tu renascerás!”



Horas sérias e cívicas...



LIÇÃO DE LIONISMO

O meu Pai, o Lionismo e a Amizade

Amizade é uma palavra envolvente e que ao mesmo tempo enlaça um vasto número de pessoas. Foi esta sabedoria – a da amizade – que o meu Pai harmoniosamente semeou ao longo dos anos, ao contactar com imensos companheiros, de Norte a Sul, Ilhas e nos diversos países por onde passou com uma entrega e dedicação ímpar, com espírito de verdadeiro Lion.

O seu sentido empreendedor, filantropo e de homem de causas, na vida e no movimento Lionístico, foram determinantes para me contagiar e, assim, envolver na fundação do Leo Clube, e perfilhar os seus passos mais tarde como Presidente do Centro/Norte e depois, como Presidente do Distrito Múltiplo Leo 115.

Os seus ensinamentos, a sua sapiência serviram-me de alicerce para também, na base da amizade servir e construir verdadeiras relações lionísticas,

Luís Quinta e Costa



Horas de alegria,
companheirismo e
amizade...







GUARDAR PARA LEMBRAR...

Lembrar porque “Se lá no etéreo assento onde subsiste/memória desta vida se consente” (Camões), a simbiose das nossas memórias poderá chegar até onde estás, poderá guardar-te entre nós.

C/L Manuela Ascensão Correia